

Religião em Rubem Alves: a experiência emocional/ existencial do sagrado e a construção de diques contra o caos

Religion in Rubem Alves: the emotional/ existential experience of the sacred and the construction of dikes against chaos

Flávia Ribeiro Amaro
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) - Brasil

Resumo

Rubem Alves relaciona o surgimento das religiões à percepção das ausências e dos desejos, esperanças e utopias por uma realidade ideal, livre da opressão. A religião, estaria, assim, relacionada à ânsia por liberdade tanto quanto seria motivada pela angústia gerada por sua inalcançável concreção. Trata-se, na sua concepção, de um construto cultural humano, capaz de forjar realidades e construir mundos simbólicos. Com o avanço da racionalidade científica moderna, um sentido utilitarista passou a reger a lógica da produção e da organização social. Nesse ínterim, o sagrado foi colonizado, perdendo a inteireza de uma presença irrestrita. A colonialidade do sagrado demonstrou o aparelhamento da religião com a pauta da secularização e com as demandas por poder das classes dominantes. Contudo, o sagrado, ainda que retraído, não desapareceu, demonstrando sua resistência a partir de reminiscências significativas que perduraram na religião dos oprimidos. O objetivo desta comunicação é discutir como se dá a interação entre o sagrado, a religião e a cultura na abordagem alvesiana. Para tanto, algumas obras do autor foram revisitadas a partir de uma leitura inscrita sob o viés epistemológico das ciências da religião.

Abstract

Rubem Alves relates the emergence of religions to the perception of absences and desires, hopes and utopias for an ideal reality, free from oppression. Religion would thus be related to the craving for freedom as much as it would be motivated by the anguish generated by its unattainable concretion. It is, in its conception, a human cultural construct, capable of forging realities and building symbolic worlds. With the advance of modern scientific rationality, a utilitarian sense began to govern the logic of production and social organization. In the meantime, the sacred was colonized, losing the completeness of an unrestricted presence. The coloniality of the sacred demonstrated the rigging of religion with the agenda of secularization and with the demands for power of the ruling classes. However, the sacred, though withdrawn, did not disappear, demonstrating its resistance from significant reminiscences that persisted in the religion of the oppressed. The aim of this communication is to discuss how the interaction between the sacred, religion and culture takes place in the Alves approach. To this end, some works of the author were revisited from a reading inscribed under the epistemological bias of the sciences of religion

Palavras-chave

Cultura.
Oprimidos.
Religião.
Rubem Alves.
Sagrado.

Palavras-chave

Culture.
Oppressed.
Religion.
Rubem Alves.
Sacred.

Introdução

Esse artigo busca apresentar algumas variações da abordagem empreendida por Rubem Alves sobre o papel do sagrado nas religiões e na cultura. Ao alvitrar uma crítica sobre as implicações do projeto moderno eurocêntrico de dominação sociopolítica- econômico cultural e epistêmica, que resultaram, dentre outras



consequências, na “morte de Deus”¹, o texto problematiza o processo simultâneo de recrudescimento e resistência do sagrado através da religião dos oprimidos.

Para Rubem Alves, a religião relaciona-se diretamente com a cultura, uma vez que, reflete a capacidade imaginativa² e criadora, que homens e mulheres, ao longo da história, encontram para forjarem as suas realidades e erigirem seus mundos simbólicos.

A hipótese do autor para o surgimento da religião, conjuga as experiências emocionais/existenciais, que giram em torno de ânsias, nostalgias e desejos por uma realidade aprazível, plena de sentidos, livre da opressão, do preconceito, da violência, da miséria, do martírio. Nesse sentido, o autor compreende que, é, justamente, por não encontrarem prazer e sentido no presente, que os sujeitos projetam esperanças para um futuro promissor, de caráter utópico. E, pontua que, tal inclinação está localizada nas bases da religião.

Seu pensamento ancora-se em uma crítica aos processos de modernização e secularização, responsáveis por relegar a religião à segundo plano nas consciências dos indivíduos, dado que, o apelo à produtividade é que se torna prioridade na lógica capitalista. Nessa perspectiva, Deus foi paulatinamente expulso do mundo, a premissa por verdade sucumbiu perante as demandas por utilidade e desempenho.

Desse modo, o sagrado foi colonizado e cristalizado pela cosmovisão cristã, secular e cientificista e destituído, assim, de seu valor, antes, ontologicamente arraigado. O processo de monopolização do sagrado realizado pela religião é, portanto, alvo de contundentes críticas por parte de Rubem Alves. Sua abordagem procura emancipar o sagrado desse cerceamento institucional, sugerindo como contrapartida a teopoética como estratégia de interpelação. E, partindo desse raciocínio teopoético, o sagrado passa a permear a realidade da vida cotidiana, a

¹ A “morte de Deus” é admitida nos termos de Friederich Nietzsche, recorrente referência na obra de Rubem Alves. A partir dessa acepção, o teólogo compreende o acontecimento histórico da morte de Deus como uma abertura hierofânica. Pois, com o deicídio, passa-se a experimentar uma abertura para novas tematizações e abordagens da experiência religiosa, alternativas não teístas de significação religiosa e teológica do mundo puderam irromper no campo sociocultural. Alves, considera a possibilidade de criação de modos não metafísicos de se pensar a linguagem religiosa no tempo da morte de Deus e esta constatação aparece, especialmente, no texto “Deus está morto, Viva Deus” (1972). Assim, paradoxalmente, têm-se que, a morte de Deus abriu precedente para um retorno do religioso, da recorrência ao sagrado.

² Segundo o autor, “[...] a consciência religiosa é uma expressão da imaginação.” (Alves, 1975, p. 15).

inspirá-la, a confrontá-la e a confortá-la à proporção que fomenta nela, vislumbres por novos arranjos espaço/ temporais.

Em seu ponto de vista, a religião dos oprimidos é reconhecida como uma forma de resistência e de esperança, ao mesmo tempo em que, articula uma espécie de adaptação à realidade, que se expressa em um “a despeito de”. Nesse sentido, entende-se que, o sagrado permaneceu vivo, pulsante e vibrante, em função de sua capacidade de conduzir reminiscências significativas através das práticas da religiosidade popular, o que aconteceu à despeito dos processos de imposição de uma visão hegemônica do mundo por parte da racionalidade secular Ocidental. Tal discernimento indica que, enquanto houver opressão haverá religião.

A busca pelo sagrado, a partir da apreensão proporcionada pela perspectiva teopoética³ alvesiana, é compreendida como uma diligência que demanda ser incessantemente reinventada e procurada, na medida em que, as situações de opressão se transformam ao longo do tempo histórico sem, no entanto, cessar.

O objetivo dessa análise é apresentar uma interpretação, uma variação⁴, sobre a apreensão epistemológica de Rubem Alves sobre a questão da religião. A intenção é observar como o teólogo, educador, poeta e pesquisador interpela a categoria “sagrado” diante do tratamento que confere ao fenômeno religioso. Considera-se que, as suas contribuições teóricas são fundamentais para o aperfeiçoamento do campo epistemológico das ciências da religião, sobretudo, o brasileiro e o latino-americano. Tido como um dos precursores da Teologia da Libertação, Rubem Alves colaborou, inclusive, com o processo de constituição e institucionalização dos cursos de ciências da religião no Brasil, evidenciando sua importância para a área.

³ A teopoética de Rubem Alves diz respeito à relação intrinsecamente poética estabelecida entre o ser humano e o sagrado, confere destaque para a centralidade do corpo, das emoções e das experiências místicas enquanto promotoras de uma teologia apofática. Na teopoética a palavra poética é admitida como responsável pela criação de mundos significativos. Conforme expõe Luana Martins Golin, Rubem Alves “[...] destaca o valor da palavra livre, polissêmica, polifônica, incapaz de ficar aprisionada nas amarras do sentido único. Para ele, a religião está no âmbito da poesia [...], e não pode ser reduzida à ciência e à razão.” (GOLIN, 2017, p. 248)

⁴ A noção de “variação” na obra de Rubem Alves remete à um método de pesquisa não linear, não-objetivo e que, tampouco, pode ser enquadrado nos pressupostos meramente racionais da ciência cartesiana moderna. Pois, trata-se de uma metodologia amparada na experiência mística, subjetiva, em que, um determinado objeto pode ser interpelado por variadas formas, expressas como variações em torno do mesmo tema. A ideia de variação traz implícita a dimensão do corpo, do sonho, dos afetos, da beleza, do desejo, da imaginação, tidas como fruto da capacidade humana de criar mundos novos.

Conforme sugerem Cabral e Almeida (2021), a interpelação à obra de Rubem Alves pode se esgueirar por diferentes caminhos, posto que o autor propõe uma abordagem criativa, não engaiolada, para o tratamento do fenômeno religioso, partindo de diferentes autores, problemas e temas - tomados como estratégias para se inferir sentidos analíticos qualificadores para a experiência emocional/existencial humana. “Por isso, é um claro sinal de fidelidade hermenêutica se relacionar com os textos de Rubem Alves, assumindo a tarefa de uma apropriação criadora, isto é, colocando o desafio de produzir, neles, variações.” (p. 219)

Desse modo, propõe-se aqui, algumas variações sobre a interpretação que Rubem Alves tece acerca da categoria “sagrado”. Para tanto, a discussão se organiza em dois momentos, primeiro, identifica-se a experiência emocional/existencial como algo que se sente com o corpo, de desejos, que remetem a uma saudade de ausências, que motivam resistências e reinvenções. E, em um segundo momento, discute-se como tal experiência emocional/existencial do sagrado se conforma através da religião dos oprimidos. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica em obras do autor e de demais estudiosos do legado epistemológico alvesiano.

A experiência emocional/existencial do sagrado

Na concepção do autor, a experiência emocional/existencial do sagrado ao se manifestar, produz significados que se inscrevem para além dos limites estritos da razão objetiva e, “[...] portanto escapa a todas as suas tentativas totalizantes e de assimilação.” (ALVES, 1975, p. 97) A razão científica moderna se demonstrou incapaz de assumir uma diligência comprometida com a interpelação do sagrado, dado que, a subjetividade a ele relacionado, impede que sejam reproduzíveis por meio de sentenças definitivas e categóricas.

A interpretação acerca da interferência do sagrado, se dá por meio da experiência, que por sua vez, pressupõe a existência de um corpo, que sente e significa as nuances desse contato. Parte-se do corpo, dos seus desejos, do seu ponto de vista, do seu tato, de sua bagagem cultural, para a interpretação do mundo e do papel que o sagrado exerce nele. Tal como expõe Reblin (2014), “A apreensão da realidade e da experiência com o sagrado é realizada a partir do

corpo humano, pelo corpo humano e com o corpo humano.” (p. 99) Dado que, cada corpo é um universo particular de significações e sentimentos. “O mundo é uma extensão do corpo.” (ALVES, 1982, p. 39) Cada corpo humano, imaginativo e desejante, é entendido como o centro do mundo.

As experiências religiosas constituem uma ponte entre o sujeito e o sagrado. A teopoética alvesiana trata desse significado extraído da experiência emocional/existencial do sagrado, que nos é apresentado por meio das palavras. Pois, conforme ressalta o autor, “para que nossa experiência se torne inteligível, é necessário inaugurar uma fala que aparentemente contraria tudo o que diz nossa experiência cotidiana.” (ALVES, 1982, p. 95-96)

A religião é a portadora das vozes dos oprimidos, ela ecoa os gemidos de protesto e clemência por um mundo mais digno, ela incita a transformações que visam a libertação das agruras da opressão. A crença no poder do sagrado anunciado por meio das palavras instiga a esperança e provoca mudanças.

A humanidade anseia por sentidos e a religião, por meio de sua palavra, se imiscua nesse entremeio, produzindo símbolos e significados decisivos sob o viés da construção de conhecimentos que são transmitidos e assimilados como válidos. Entretanto, o emprego de uma palavra pressupõe uma leitura e as leituras mobilizam interpretações. As interpretações dizem respeito aos pensamentos formulados por aquele que lê. Assim, “Todo sermão é pensamento de um homem e não o pensamento do Deus.” (ALVES, 2002, p. 77)

Segundo o autor, nossos corpos são expressões de nossos desejos, em virtude de sermos nós quem os criamos por meio da imaginação os mundos da cultura os quais habitamos. Por conseguinte, nossas experiências são significadas por meio das emoções que despertam em nós. O corpo manifesta os desejos, ele abriga a experiência emocional/ existencial do sagrado. A recordação do sagrado confirma a procedência do desejo. Pois, desejo precede da ausência, da nostalgia ontológica por um conhecimento que se alcança com o corpo, o coração e o espírito. Nas palavras do autor, “[...] o que é a emoção senão o mundo percebido como reverberação no corpo? Um leve tremor que indica que a vida está em jogo.” (ALVES, 1982, p. 39) Os desejos remetem à esperança e à utopia de um futuro promissor, que se assemelha ao paraíso perdido, porquanto, mobilizam ausências.

As ausências, por sua vez, aludem ao vazio. E, conforme dilucidam os pesquisadores Breno Martins Campos e Ceci Maria Costa Baptista Mariani,

Vazio, presença de uma ausência que mora na profundidade, é o que põe a alma em movimento. A vida é a busca de realização do desejo absoluto que se dá num itinerário de travessia e ultrapassagem de tantas experiências de prazer e de dor que se dão na relação com o mundo e com o outro. (CAMPOS; MARIANI, 2018, p. 475)

O sujeito religioso reconcilia a sua alma com o universo que o cerca, ele confia em um futuro auspicioso e orienta suas ações com base nessa crença ancorada na emoção. É a esperança que o move. Uma vez destruída a esperança, esfacela-se o sentido da vida. É, portanto, o tênue fio da esperança que sustenta o sujeito, sem ela nada mais faz sentido. E quanto ao caráter da espera, Alves (1982) sublinha, “A gente só espera aquilo por que o coração sente nostalgia.” (p. 61). Amor e desejo aparecem conjugados na promessa expressa pela religião. Destarte, o autor colocou que,

[...] sentimentos não são impulsos isolados, mas evidências estruturadas da realidade, ou seja, da interação do campo organismo/ambiente, para o qual não existe nenhuma outra evidência direta a não ser os sentimentos. Na emoção se revela a minha maneira de ser em relação ao mundo e a maneira de ser do mundo em relação a mim. (ALVES, 1975, p. 101-102)

É o corpo que através de seus complexos sentidos experimenta a emoção. É o corpo que sente a presença e a ausência, que se maravilha e se espanta, que se deslumbra e se atemoriza, é ele quem chora e sorri, quem sonha e sabe e realiza. É o corpo que sofre e clama por clemência, por salvação. É o corpo que porta o coração que sente e a mente que imagina e raciocina, por isso ele é o centro do mundo, de um ponto de vista particular, matriz da experiência emocional/existencial do sagrado. Nas palavras do autor, o corpo é “[...] o ponto de partida e o ponto de chegada do pensamento e é nas veias do seu desejo que ele conhece o seu mundo.” (ALVES, 1982, p. 101)

O avanço da ciência moderna, em certa medida, corroborou para que acreditássemos que não precisávamos mais nos sujeitar estritamente à programação biológica do corpo, sujeita às contingências da natureza e da história. Haja visto que, para contornar nossa debilidade e inferioridade nós imaginamos e

criamos as culturas. A religião, é nesse sentido, fruto da imaginação humana, que projeta em um futuro utópico a expurgação de seu sofrimento. Imaginam-se deuses, santos, ressurreição dos mortos, “[...] nos agarramos à religião como ‘sinal visível de uma graça invisível’.” (ALVES, 1982, p. 50)

O sagrado se apresenta tanto como um horizonte nostálgico quanto uma esperança projetada para o futuro. Ele confere significados ontológicos relevantes por meio dos sentimentos construídos em torno da experiência místico-religiosa. O contato com o sagrado, ainda que seja por meio da imaginação - que se espraia ao vento, é considerado uma fonte de conhecimento, que se dá com o corpo e com o sentimento. A aceitação da dimensão do sagrado implica na ampliação da percepção, corresponde à um processo de tornar-se consciente diante das interconexões que se estabelecem entre todas as coisas e alcançam a perspectiva do grande desejo.

A apreensão do sagrado se dá por meio das experiências emocionais/existenciais de encontros com o divino, que conferem sentidos para a vida. E tais encontros podem assumir distintas formas e interpretações. Nas palavras do autor,

O sentido da vida é algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar. Não é algo que se construa, mas algo que nos ocorre de forma inesperada e não preparada, como uma brisa suave que nos atinge, sem que saibamos de onde vem nem para onde vai, e que experimentamos como uma intensificação da vontade de viver ao ponto de nos dar coragem para morrer, se necessário for, por aquelas coisas que dão à vida o seu sentido. (ALVES, 1982, p. 59-60)

Com o estabelecimento da perspectiva racional moderna, a dimensão do sagrado foi inviabilizada, em função da divulgação de um projeto de secularização associado à demanda utilitária por produção. Quando o capitalismo passa a concorrer com a religião, e o mercado se equipara à figura de um deus onipotente e onipresente e, “Como as emoções não são objetos, como os sentimentos não podem ser quantificáveis, por exprimir fundamentalmente uma maneira de ser em relação ao mundo, emoções e sentimentos deixaram de ser significativos.” (ALVES, 1975, p. 101)

O sagrado teve seu escopo de significação diminuída com a predominância da perspectiva cientificista. E, a despeito de os círculos acadêmicos terem rechaçado o sagrado e a religião, não considerando-os, portanto, aspectos socioculturais dignos de atenção, sua recorrência permaneceu atuante e vivificante no imaginário e nas práticas religiosas dos povos oprimidos.

Segundo a concepção do autor, os aspectos emocionais/ existenciais relacionados à apreensão do sagrado, por parte dos sujeitos religiosos, não podem ser descartados, ao contrário, eles devem se tornar evidentes na pesquisa, caso se queira experimentar um novo impulso epistemológico nos estudos da religião (RIBEIRO, 2019).

Desse modo, importa ao pesquisador elaborar como o sagrado imaterial é materializado no corpo sensível. Ou seja, como os sujeitos se valem do invisível para significar suas ações e comportamentos instaurados no plano visível, da matéria, da história, da ciência. Quais mediações são acionadas para esclarecer as nuances entre a relação do sujeito com o sagrado? Como é formado esse itinerário espiritual baseado nas experiências místicas?

Assim, em um embate entre a objetividade e a subjetividade, entre a racionalidade científica e a teopoética do sagrado, a abordagem alvesiana não, necessariamente, descarta o legado científico moderno, que postula um “ateísmo metodológico”, atrelado à compreensão de que Deus está morto, ao passo que, simultaneamente, propõe uma “teopoética”, que parte da compreensão da existência do ente Deus através de uma poética peculiar do corpo e da imaginação, e apregoa que não devemos nos deixar aprisionar em gaiolas. Isto é, não podemos permitir que a razão científica aprisione nossa criatividade, que voa e escapa dessa constrição, ainda que a admita em partes, de antemão. Pois a ciência pode ser entendida como responsável por motivar a formulação de perguntas. E, nesse sentido, conforme provocam Martins e Almeida (2017), “Quais perguntas melhores do que aquelas que indagam sobre o jardim onde reside nossas saudades ontológicas?” (p. 17)

O sagrado e a construção de diques contra o caos

O sagrado é entendido como, “[...] o criador, a origem da vida, a fonte da força.” (ALVES, 1986, p. 61) O autor, parte de uma interpretação teopoética ao

admitir que o sagrado é capaz de distinguir o cosmos do caos, organizando um ritmo e um desencadear de acontecimentos na vida ordinária, inscrita na história - pois, nada escapa à implacável ordem estabelecida pelo sagrado. Assim, o sagrado é admitido como uma força cosmificadora dos mundos.

A religião, por sua vez, surge como mediadora dessa relação entre o imaterial relativo ao sagrado e a materialidade relativa à cultura produzida pela humanidade. Ele entende que, é por meio da imaginação que se acessa esse espaço sagrado, que para a sua consubstanciação passa inventar as culturas. Desse modo, as diferentes culturas dizem respeito à diferentes interpretações construídas acerca dessa presença primordial. Nesse sentido, “[...] aquilo a que denominamos realidade é uma construção da matriz religiosa da consciência.” (ALVES, 1975, p. 131)

Na perspectiva de Rubem Alves, o ser humano e o mundo correspondem a instâncias entendidas como ontologicamente associadas, interdependentes. De modo que, o sentimento de pertença que o sujeito experimenta em relação ao mundo convive lado a lado com o sentimento de inadequação e insatisfação com a realidade dada. Conforme explicitam Cabral e Almeida (2021), “[...] a existência humana se revela em sua constituição ontológica mediante a inadaptação à construção social do mundo em que está enredada.” (p. 225)

A utopia põe em xeque a determinação do real, ela libera o homem do peso da contingência, ao passo que, enseja nele a inclinação para vislumbrar novas possibilidades, articuladoras de uma fuga dessa realidade opressora, de uma resistência. Pois, “[...] o futuro aparece na história através do presente, é no presente que o futuro vai sendo formado.” (ALVES, 1987, p. 149)

Partindo do raciocínio do autor, seria a imaginação - imbuída do desejo - a responsável por criar um mundo que faz sentido. A imaginação nasce da recusa à uma conjuntura opressora. Os símbolos criados pela cultura, conformam as possibilidades do ser humano habitar o mundo, na medida em que, são as “[...] testemunhas das coisas ainda ausentes, saudade das coisas que não nasceram.” (ALVES, 1986, p. 22). Saudades dessa presença etérea que a tudo compreende e a tudo abarca e tentativa de estabelecer na terra o Reino de Deus, pelo menos enquanto inspiração e motivação para o comprometimento com uma *práxis*

libertária. De modo que, é com a consciência da ausência, que se provoca a percepção da ausência e se desperta para a necessidade de transformação.

Os símbolos criados pela religião e pela cultura, têm a capacidade de afastar o medo e contornar o caos, eles correspondem a estratégias que os homens inventaram para habitar o mundo “a despeito de”. De acordo com o autor, “Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos.” (ALVES, 1986, p. 24)

O desejo do homem religioso pelo sagrado, corresponde à tentativa de fazer valer na realidade objetiva da vida cotidiana o mundo dos sonhos e dos devaneios de perfeição. Resulta na tentativa de se alcançar o Reino de Deus, ao acessar um Deus encarnado. E, nessa lógica, é por desejar, ardentemente, que o mundo objetivo transfira para si essa aura sagrada, que surge a religião. (ALVES, 1986).

A saudade do sagrado, manifesta-se em uma ausência latente, responsável por impelir a criação da religião, compreendida como o “suspiro dos oprimidos”. A sistematização da religião é motivada por uma angústia, por uma nostalgia e por uma projeção de felicidade para o futuro. É a tristeza desencadeada pela ausência de um Deus morto, que cria a necessidade da constituição da religião. Haja visto que, “certamente a felicidade não produz criatividade. Se você está feliz porque razão vai ser criativo?” (ALVES, 2012, p. 47) Se está feliz, os dilemas elementares sobre a vida e a morte, não suscitam angústias, se não sente dor ou sofre, porque o sujeito inventaria deuses, santos, demônios e espíritos? Por que ele forjaria a religião para dar vazão à voz daqueles que clamam por liberdade? A religião proclama a esperança, que sonha com um mundo agraciado com a felicidade suprema. Assim, é a esperança e a utopia é que movem o sujeito religioso. De acordo com o autor,

A experiência religiosa, assim, depende de um futuro. Ela se nutre de horizontes utópicos que os olhos não viram e que só podem ser contemplados pela magia da imaginação. Deus e o sentido da vida são ausências, realidades por que se anseia, dádivas da esperança. (ALVES, 1986, p. 128)

Essa graça, corresponde à uma “Promessa de poder aos fracos, aos que têm fome e sede, aos que são perseguidos, aos mansos, aos que choram...” (ALVES, 1982, p. 66) A esperança orienta as ações dos homens no presente com vistas à um

futuro, cuja busca pela emancipação de horizontes utópicos o caracterizaria. Em suas palavras,

A esperança vê aquilo que ainda não existe no presente. Existe só no futuro, na imaginação. A imaginação é o lugar onde as coisas que não existem, existem. Este é o mistério da alma humana: somos ajudados pelo que não existe. Quando temos esperança, o futuro se apossa de nossos corpos. E dançamos. O poeta que escreveu esses poemas estava embriagado de esperança. E quem é possuído pela esperança fica grávido de futuros. (ALVES, 2007, p. 86)

Com relação à construção de sentidos para o futuro, Rubem Alves apresenta a estratégia de assimilação do “tempo messiânico”. Segundo Cabral e Almeida (2021), o “tempo messiânico” é considerado um entretempo, que agrega, simultaneamente, a experiência humana e a experiência mundana, “Humana, porque irrompe na e para a condição humana; mundana, porque mobiliza historicamente o mundo, mesmo que o tempo messiânico não se esgote na história.” (p. 221)

O tempo messiânico pressupõe o reconhecimento do Outro, do seu tempo, da sua corporalidade e subjetividade. Passa-se a perceber o Outro, suas alteridades e singularidades temporais e espaciais. A percepção do tempo messiânico como o tempo do Outro, um outro tempo, corrobora para uma guinada epistemológica, que irá associar subjetividade e objetividade, utopia e *práxis*, para o tratamento do fenômeno religioso. Ele aponta para a superação das condições de opressão, sejam elas sociopolítico econômico- culturais ou epistêmicas ao defender a liberdade.

Para alcançar as narrativas do Outro, o pesquisador se vale do diálogo. O diálogo com o Outro se apresenta para além da contemplação ou da mera aceitação dos destinos, ele se contrapõe à dissolução do elo que vivifica. O diálogo constrói sentidos e pode ser entendido como uma ferramenta elementar para a construção desses “diques contra o caos”, pois ele compreende a tentativa de dar vazão à uma interpretação originada da experiência emocional /existencial do sagrado.

Defende-se assim, que a postura epistemológica que Rubem Alves aciona para o tratamento do fenômeno religioso - a teopoética, amparada pela Teologia da Libertação - apregoa um resgate à categoria “sagrado”. Entretanto, esse sagrado é concebido para além ou aquém da saudade, das ausências. Pois,

considera-se que para além de aspirar a um paraíso vindouro, o desafio é comprometer-se com o estabelecimento do Reino de Deus na terra, onde cada homem e cada mulher assumem o encantamento a partir da comunhão e do diálogo, do olhar para o Outro com uma postura amistosa, pacificadora e acolhedora das alteridades, ressaltando a natureza social da vida religiosa. Já que, no encontro com esse Outro sentidos ontológicos são construídos e compartilhados. É na comunhão com o Outro que o amor de Deus se revela presente, que o sagrado se manifesta como um aperitivo para o futuro. A experiência emocional de compartilhamento da graça de Deus com um grupo religioso traz segurança e pertencimento, produz significados existenciais capazes de aplacar ou amenizar a ânsia por respostas frente aos dilemas existenciais, bem como a saudade gerada pela ausência da presença sublime. Assim, ele propõe uma teologia que se comporta como um dique contra o caos. Posto que, o resgate da importância do sagrado confronta o caos, a falta de sentidos.

Considerações finais

Considera-se a obra de Rubem Alves leitura fundamental para formação de cientistas da religião e demais estudiosos do fenômeno religioso. Sua obra contempla os mais variados assuntos, autores, temas, problemas e se esgueira pelas sendas da beleza, do maravilhamento, da sensibilidade poética, da esperança, da imaginação e da criatividade, ao passo que, reivindica mudanças, postula críticas e assume uma postura libertária. Importa ao autor, destilar perfume durante a caminhada pelo deserto, pois admite-se que é diante da contingência, ou seja, do fracasso, da dor, da miséria, da perda, da opressão, que se encontra o impulso no fundo da alma para a transformação, a libertação das amarras opressoras.

A abordagem alvesiana, recorrentemente, lança mão da metáfora das gaiolas e dos pássaros. Nesse sentido, importa buscarmos pelo espírito livre, apto para o voo nas costas do vento. Pois, é a consciência da opressão que abre as possibilidades de emancipação. O corpo, portador da experiência emocional/existencial do sagrado, não se contenta com os prazeres efêmeros da carne e aspira por futuros grávidos de deuses, de significação e de felicidade. E acredita, que para a

humanidade se colocar nesse desafio, precisa encarnar o divino naquilo que os indivíduos fazem na trivialidade de seus cotidianos.

A trajetória de vida e obra de Rubem Alves alude à uma valorização do Outro, que se manifesta em um encontro, pleno de sentidos, onde se testemunha a comunhão e o diálogo. O autor, conclama ao cultivo da esperança e da utopia para a construção de caminhos floridos, que rumam para um horizonte libertário e reforça a demanda por uma abertura sincera ao olhar e à escuta sensível do Outro, através do diálogo, através da restauração do coletivo, rompendo, assim, com o padrão de individualidade e sua correlata falta de sentidos, que não suscita mudanças.

O sagrado, presente na religião dos oprimidos, passou a ser admitido como um fenômeno significativo, na medida em que, através das emoções/ existenciais experienciadas pelo corpo - que sente, e sofre, e se alegra, e se revolta, se colocando efetivamente na história - compromete-se com a busca por transformações. Aciona, dessa forma, um Deus encarnado, que vive na pele dos oprimidos, para a construção de símbolos significativos capazes de atuar como “diques contra o caos”. Ou seja, desencadeando sentidos ontologicamente ancorados, instruídos a contornarem as tristezas e a dores da saudade provocada pela ausência do divino.

A religião pode ser entendida como anunciadora da esperança e mantenedora da utopia, ela dissemina o “grito dos oprimidos”, dá vazão às suas angústias, as acolhe, ainda que não as solucione definitivamente. Conforme anuncia um lugar apazível, livre da dor e do sofrimento, o Reino de Deus, ela busca instaurá-lo na realidade conjuntamente inventada, imaginada.

O sentimento e a emoção/ existencial percebidos a partir da experiência do corpo configuram-se como esses “diques contra o caos”, apontados por Rubem Alves. Nessa compreensão, acredita-se ser preciso resgatar a dimensão do sentimento e da emoção que desencadeiam significações, inspiram sentidos e mobilizam transformações. O que não corresponde, necessariamente, à uma entrega total e ingênua ao sagrado, a ciência ainda atua modulando as interpretações que partem da experiência sensível. O conhecimento é fruto desse binômio objetividade e subjetividade.

Defere-se que, Rubem Alves defende, tal-qualmente, uma liberdade para as apreensões epistemológicas do sagrado, da cultura e da religião, o que libera o pesquisador para reapropriar-se criativamente e criticamente sobre autores, conceitos, problemas, temáticas, visando um melhor tratamento para o fenômeno religioso.

Referências

ALVES, Rubem. “Deus morreu - Viva Deus!” In: ALVES, Rubem; MOLTSMANN, Jürgen. *Liberdade e fé*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1972.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 2ªed., Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

ALVES, Rubem. *A volta do sagrado: os Caminhos da Sociologia da Religião no Brasil*. Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp 109-141.

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 10ªed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas: Papyrus, 1987.

ALVES, Rubem. *Transparências da eternidade*. Campinas: Editora Verus, 2002.

ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

ALVES, Rubem; SCLIAR, Moacyr. *Rubem Alves e Moacyr Scliar conversam sobre o corpo e a alma*. 2ªed., Campinas: Saberes Editora, 2012.

CABRAL, Alexandre Marques; ALMEIDA, Edson Fernando de. *Rubem Alves e o entretempo messiânico: variações sobre o corpo, poder e esperança*. Estudos de Religião, v. 35, n. 3, set./dez., 2021. pp. 217-239. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/1036598/8098>>. Acesso em: 07 dez. 2022.

CAMPOS, Breno Martins; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. *Lições do abismo: reflexões sobre teologia, mística e poesia em Rubem Alves*. Estudos teológicos, v. 58, n.2, jul./dez., 2018. pp. 466-482. Disponível em: <<http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/679>>

GOLIN, Luana Martins. *A teopoética em Rubem Alves*. Estudos de religião, v. 31, n.2, mai./ago., 2017. pp. 239-259. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/7372>>. Acesso em: 07 mai. 2023.

MARTINS, Gustavo Claudiano; ALMEIDA, Edson Fernando de. *O canto do Pássaro Encantado: a religião como saúde em Rubem Alves*. Estudos de Religião, v. 31, n. 2, mai./ago., 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/7362/5920>>. Acesso em: 07 dez., 2022.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2ªed. São Leopoldo: Oikos Editora, 2014. (e-book)

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *A fé para além da religião, a gratuidade para além da política: Rubem Alves em jogo*. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião. v. 22, nº2, jul./dez., 2019. pp. 95-106. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/28910>>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Trabalho submetido em 08/12/2022.

Aceito em 11/05/2023.

Flávia Ribeiro Amaro
Universidade Metodista de São Paulo

Doutora em Ciência da Religião, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Autora do livro "Médium Espírita- Fenômeno e Experiência: um diálogo entre ciências sociais e ciências da religião" (2019). Atualmente é pós-doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Email: flavia.ramaro@gmail.com.